

# O trabalho docente e a pandemia da covid-19: Uma investigação com professores do ensino fundamental e médio

*Irapuan Peixoto Lima Filho<sup>1</sup>*  
*Danyelle Nilin Gonçalves<sup>2</sup>*  
*Harlon Romariz Rabelo Santos<sup>3</sup>*

## Resumo

O presente artigo visa analisar a maneira como os professores da Educação Básica no Brasil foram atingidos pela pandemia de Covid-19, em particular pela necessidade de isolamento social que levou à adoção do regime de ensino remoto. Foi realizada uma pesquisa de abrangência nacional por meio de formulário eletrônico entre os meses de abril e junho de 2020. O artigo trabalha com uma amostra redimensionada e estratificada de 2.402 professores de nível Fundamental e Médio e analisa como vivenciaram o início da pandemia, atentando em particular às condições laborais, conhecimento dos recursos tecnológicos e interface com os trabalhos domésticos e seus sentimentos em relação à pandemia. Percebeu-se por meio de análises descritivas, cruzamentos e por uma regressão logística que as condições de trabalho, o nível de trabalho, a necessidade de adaptações e o modo de relação com a escola impactaram a vida e atuação docente. Também, essas condições são perpassadas por questões de gênero, gerando uma dinâmica que impacta diferentemente professores e professoras.

**Palavras-chaves:** Educação; pandemia; docentes; ensino remoto emergencial

## Teaching work and the covid-19 pandemic: an investigation with elementary and high school teachers

## Abstract

This article aims to analyze the way in which Basic Education teachers in Brazil were affected by the Covid-19 pandemic, in particular by the need for social isolation that led to the adoption of the remote teaching system. A nationwide survey was carried out using an electronic form between the months of April and June of 2020. The article works with a resized and stratified sample of 2,402 elementary and high school teachers and analyzes how they experienced the beginning of the pandemic, paying particular attention to working conditions, knowledge of technological resources and interface with housework and their feelings about the pandemic. It was perceived through descriptive analysis, statistic crossings, and a logistic regression that the working conditions, the level of work, the need for adaptations and the way of relating to the school had an impact on the life and performance of teaching. Also, these conditions are permeated by gender issues, generating a dynamic that impacts teachers differently.

**Keywords:** Education, Pandemic, Teachers

1 Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

2 Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

3 Doutorando em Sociologia no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## El trabajo docente ante la pandemia del covid-19: a investigación con profesores de escuela primaria y promedio

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la forma en que los docentes de Educación Básica en Brasil se vieron afectados por la pandemia Covid-19, en particular por la necesidad de aislamiento social que llevó a la adopción del sistema de enseñanza a distancia. Se realizó una encuesta a nivel nacional utilizando un formulario electrónico entre los meses de abril y junio de 2020. El artículo trabaja con una muestra redimensionada y estratificada de 2.402 docentes de primaria y secundaria y analiza cómo vivieron el inicio de la pandemia, prestando atención a las condiciones de trabajo, el conocimiento de los recursos tecnológicos y la interfaz con las tareas del hogar y sus sentimientos sobre la pandemia. Se percibió a través del análisis descriptivo, intersecciones y una regresión logística que las condiciones laborales, el nivel de trabajo, la necesidad de adaptaciones y la forma de relacionarse con la escuela incidieron en la vida y desempeño docente. Además, estas condiciones están permeadas por cuestiones de género, generando una dinámica que impacta a los docentes de manera diferente.

**Palabras claves:** Educación; pandemia; maestros aprendizaje remoto de emergencia

Este artigo visa analisar aspectos do impacto causado pela pandemia de Covid-19 sobre os professores de Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. A necessidade de isolamento social, que levou à adoção do regime de ensino remoto (virtual) atingiu professores de formas diferentes. O artigo apresenta dados que evidenciam o impacto diferenciado relacionado com as variáveis de gênero, relação com os níveis e exigência do trabalho docente e condições de trabalho. Em todos os graus de ensino esses impactos foram sentidos, o foco aqui dado nesses dois níveis da educação básica se dá pelo fato de os autores já terem apresentado resultados

referentes aos docentes da Educação Superior em outro trabalho (GONÇALVES; LIMA FILHO; FREITAS, 2020).

Os dados analisados neste trabalho foram coletados de forma eletrônica, por meio de um questionário de 29 questões objetivas, sendo 15 de resposta única e 14 com mais de uma resposta. O instrumento foi disponibilizado via *Google Forms* e seu preenchimento se deu entre os dias 20 de abril a 30 de junho de 2020<sup>4</sup>, o que em tempos normais seria o fim do semestre letivo.

Visando compreender a situação docente, o questionário destinava-se a professores de todos os níveis de ensino. Para poder capilarizar a investigação em todo o território nacional, foram usadas algumas estratégias de divulgação por meio das redes sociais, em especial *Facebook* e *WhatsApp*, de modo que se rompesse a “bolha” particular dos pesquisadores. Assim, foram acessadas páginas ou grupos específicos de docentes de todos os estados brasileiros. Era solicitada ao administrador a entrada no grupo e quando esta era concedida, se realizava uma postagem na qual se explicava o objetivo da pesquisa, inseria-se o *link* para o formulário e se pedia a colaboração dos docentes, inclusive para repassar o questionário para outros colegas. Essa estratégia permitiu uma difusão capilarizada, ainda que não aleatória.

Apesar do tempo dispendido com essa tarefa (pesquisa dos grupos, solicitação, tempo de aceite e postagem), a ação permitiu que em pouco mais de dois meses se obtivessem 5.858 respostas de 26 unidades federativas do Brasil, faltando apenas o estado de Roraima. Considerando a baixa responsividade em geral de pesquisas *online*, percebemos que os professores estavam interessados em relatar a situação que viviam no momento.

Obtivemos um total de 3.733 respostas de professores atuantes no Ensino Fundamental e Médio, concomitante ou não. Deste recorte 15,5% atuam exclusivamente no Ensino Fundamental I, 13,2% no Fundamental II e 24,8% no Ensino Médio e 46,5% atuam de forma não exclusiva entre as etapas.

Apesar de nossa intenção aqui ser analítica e não descritiva ou censitária, foi feito um redimensionamento da amostra com base nos microdados do Censo

4 Após esse prazo, 14 pessoas ainda responderam ao questionário. Para fins de análise estamos considerando todos os questionários respondidos que atendiam a amostra de professores da educação Fundamental e do Ensino Médio.

Escolar 2020<sup>5</sup>. Fez-se uma estratificação pós-coleta, considerando região geográfica e gênero. Calculou-se uma amostra (n=2402) por estimativa da proporção populacional, considerando erro de 0.02, nível de confiança de 0.95 e P&Q de 0.50<sup>6</sup>. Dessa forma, nossa amostra final distribui-se semelhantemente à distribuição populacional de professores do Ensino Fundamental e Médio, conforme Censo Escolar de 2020 (INEP, 2020).

**Tabela 01 – Distribuição por região e sexo da amostra final**

Região	Sexo	Frequência	%
Norte	Feminino	130	5,4
	Masculino	70	2,9
Nordeste	Feminino	437	18,2
	Masculino	163	6,8
Centro-Oeste	Feminino	118	4,9
	Masculino	41	1,7
Sudeste	Feminino	929	38,7
	Masculino	216	9
Sul	Feminino	240	10
	Masculino	58	2,4
Total		2402	100
<b>Sexo</b>			
Feminino		1854	77,2
Masculino		548	22,8
Total		2402	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Calibrada a amostra, os estratos de faixa etária se apresentam com um recorte concentrado no intervalo de 35 a 49 anos de idade, com 48,4%. Aqueles com mais de 50 anos somam 18,7% e a faixa abaixo de 35 anos acumula 32,8%; sendo a maior concentração entre 25 e 34 anos. Isso indica que a maioria dos professores da amostra está localizada numa faixa etária mediana, o que é condizente com a necessidade de tempo para a formação.

Quanto à renda familiar dos professores pesquisados, há concentração num estrato entre “baixo” e “mediano” de renda, ou seja, entre mais de dois e

cinco salários mínimos (44,6%). O estrato seguinte (de mais de cinco até dez salários) aparece em segundo lugar, com 34,8%. Apenas 9,7% da amostra possui renda familiar maior do que dez salários e existe uma expressiva faixa de docentes, com 10,9%, que declara renda inferior a dois salários. Dessa forma, a faixa salarial dos docentes tende para faixas mais baixas de renda. Há, no entanto, alguma concentração com renda alta.

A renda guarda conexão com as formas de contratação dos docentes. Na realidade educacional brasileira, é muito comum que – provavelmente motivados pela busca de salários mais altos – muitos professores se submetam a distintas atuações docentes, o que os levam a trabalhar combinando formas de contratação, níveis (entre Fundamental, Médio e Superior) e setores (público e privado). Por isso, 12,7% da amostra está contratada em formas mistas. Apesar de existir diminutas porções como terceirizados ou mesmo voluntários, a maioria da amostra se concentra na condição concursado/ efetivo/ estável, com 51,6%; com estratos semelhantes de contrato via CLT (18,6%) e contratos temporários (16,3%).

Configurada a descrição básica da amostra, vejamos como os docentes pesquisados vivenciaram a pandemia de Covid-19.

### A pandemia e a educação

No final de 2019, começaram a surgir notícias de que alguns pacientes de hospitais de Wuhan, na China, apresentavam sintomas semelhantes aos da Síndrome Respiratória Aguda (SARS)<sup>7</sup>. Após o sequenciamento do vírus e a confirmação de que se tratava de um novo coronavírus, as autoridades passaram a se preocupar com as possibilidades altas de contágio, dado o intenso fluxo de pessoas na cidade e no país. Um mês depois, a doença já ultrapassava as fronteiras da China, alcançando países como Tailândia, Japão e Coreia do Sul, fato que fez a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar se tratar de uma Emergência em

5 Professores do Ensino Fundamental e/ou Médio totalizam 1.884.594 considerando os filtros do INEP (2021). Microdados atualizados em 08/03/2021, disponível no sítio do INEP.

6 Conforme possibilidade apresentada por Levy e Lemeshow (2008).

7 De acordo com Marques, Silveira e Pimenta (2021), em novembro de 2002, a SARS mobilizou a atenção internacional, quando casos descritos como uma “pneumonia misteriosa” foram relatados na província de Guangdong. Em março e abril de 2003, a doença teria produzido 2.781 notificações e 111 mortos. No estudo de revisão sobre a SARS, publicado em dezembro de 2003, a OMS indicava o registro de 8.096 casos da doença em 29 países, com 774 óbitos, quase 10% do total. Apesar do número reduzido de infectados, a mortalidade foi proporcionalmente elevada.

Saúde Pública de Importância Internacional – ESPII. O vírus se alastrou de forma intensa nos países. Em pouco mais de dois meses, já era dada a situação de pandemia, a terceira do século XXI<sup>8</sup>.

Além das orientações e protocolos de segurança (“lavar as mãos”, “usar álcool em gel”, “usar máscaras”, dentre outros), os governos começaram a estabelecer decretos impondo o isolamento social, como forma de barrar o contágio, alterando com isso a rotina e os procedimentos cotidianos mundo afora.

Praticamente todos os setores da vida social foram alvo de alterações substanciais. Uma das primeiras providências foi fechar espaços que reuniam muitas pessoas, tais como lojas, centros comerciais, *shoppings*, cinemas, indústrias e desincentivado o uso de praças, parques públicos e todo o tipo de evento que levasse a aglomerações. Atividades educativas presenciais foram suspensas em escolas e universidades. No decorrer dos primeiros meses de 2020, os países foram parando pouco a pouco em resposta à disseminação do vírus.

Pela primeira vez era possível acompanhar em tempo real, pela rede mundial de computadores ou pela televisão, os casos de novas infecções e óbitos no mundo, as descobertas científicas e os novos protocolos de segurança sugeridos pela OMS e pelos governos.

A situação que se encontrava o mundo permitia isso. Em 2019, a conectividade da população mundial à rede mundial de computadores era de 51% e mais de cinco bilhões de pessoas tinham acesso a aparelhos celulares (VALENTE, 2019). Nos últimos anos surgiram várias redes sociais que conectavam os usuários mundo afora. Percebeu-se, dessa forma, que as redes sociais e plataformas online poderiam ser utilizadas de maneira mais ostensiva para distintas atividades. Empresas como a *Google*, *Microsoft* e *Zoom* se apressaram em oferecer plataformas interativas, como o *Google Meet*, *Microsoft Teams* e *Zoom*, que somados ao *Instagram*, *Facebook*, *YouTube* e *WhatsApp* passaram a ser utilizadas não somente para comunicação, entretenimento e lazer, mas também para atividades de trabalho e de estudo.

A circunstância de pandemia evidenciava, no entanto, as enormes disparidades sociais, dentre elas o acesso desigual à internet, às tecnologias e ao próprio conhecimento das tecnologias (VALENTE, 2019).

Com a adoção dos decretos de isolamento social, ocorridos de modo gradativo nos estados brasileiros entre os meses de março e abril de 2020, seguiu-se a suspensão das aulas presenciais, fechando com isso as 179.533 escolas existentes na Educação Básica (segundo o Censo Escolar 2020), atingindo 35,2 milhões de alunos dessa modalidade no país.

As atividades educacionais que antes ocorriam de forma presencial passaram agora a ser mediadas pela tecnologia. Alunos e docentes precisaram se adaptar à realidade imposta pelo distanciamento social<sup>9</sup>. Além da utilização de TV e rádio, as aulas passaram a ser gravadas para serem disponibilizadas em plataformas já existentes ou em sistemas próprios elaborados pelas secretarias de educação. Atividades escolares, roteiros de estudos e textos

foram disponibilizados para os alunos de forma virtual ou física, dependendo da situação. O contato com os alunos passou a acontecer também via *WhatsApp*, uma ferramenta de comunicação rápida muito utilizada no país. Essas atividades foram todas realizadas pelos docentes pouco tempo após a eclosão dos decretos estaduais, quando as aulas presenciais foram substituídas pelo formato remoto.

Como a realidade entre os estados é bastante diferente, foram utilizadas diversas estratégias para que o ano letivo continuasse, não sendo possível pensar num plano único ou padronizado. As inúmeras reuniões entre a gestão da escola, os professores e técnicos das secretarias de educação ajudaram a dar conta dessa diversificação. Táticas foram sendo pensadas e avaliadas no decorrer do ano letivo. O Quadro 1 dá conta desse conjunto de atividades.

**Quadro 1 - Atividades realizadas durante o ano de 2020 pelos docentes**

Atividades	Estado
Material impresso distribuído	AL, BA, MA, MS, MT, PA, RR, SC
Aulas pela TV	AM, BA, GO, MA, MG, PA, PB, PI, PR, SE, SP
Aulas via <i>Google Classroom</i>	AL, CE, DF, MT, PR, PI, RS, RO, RR, SC
Atividades por <i>Youtube</i> , <i>WhatsApp</i> , <i>Facebook</i> , IPTV	AM, BA, ES, GO, PA, PR, PE, PI, RO, RR
Aulas via rádio	GO, MA, PE, SE
Atividades via Sistemas próprios elaborados pelos estados	AP, BA, CE, GO, MA, PA, PB, PR, SE
Atividades via <i>Zoom/ Google Meet</i>	PI, RO, RR
Plantão realizado nas escolas	MT

8 As outras foram SARS-CoV em 2002, e MERS-CoV em 2012 (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2021).

9 Apesar de não ser o foco da análise, é importante ressaltar que o retorno às atividades foi diferenciado entre escolas públicas e privadas, tendo estas voltado mais rápido às aulas. As disparidades puderam ser percebidas ao longo do ano e certamente ampliam as desigualdades educacionais.

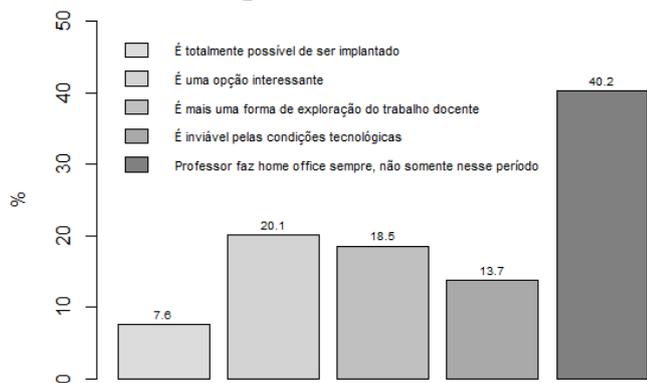
Fonte: Elaborado a partir de informações disponíveis no site do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED/ jun. 2021).

Que impactos portanto, a pandemia e todas as adaptações decorrentes dela, impuseram às condições laborais dos docentes, dado que passaram a realizar quase todas essas atividades a partir de suas residências, no chamado *home office*?

Em estudos sobre as condições de trabalho docente, como os de Gasparini; Barreto; Assunção (2005) e de Pereira (2016), em fóruns de professores, na própria observação cotidiana e na sala de aula em formações continuadas de docentes da educação básica, professores afirmam que o trabalho não ocorre apenas na sala de aula, sendo comum também levarem atividades para casa. Todavia, anteriormente as atividades se realizavam grande parte no interior das escolas, onde ocorriam aulas, atividades extracurriculares, reuniões de planejamento, semanas pedagógicas, aplicação de avaliações, realização de conselhos de classe, reuniões com pais e/ou responsáveis etc.<sup>10</sup>. A pandemia e a necessidade de isolamento social trouxeram, no entanto, a quase totalidade do trabalho para dentro de casa, realizados agora de maneira diferente do que se fazia até então.

Questionamos os docentes acerca do *home office*. Como esperado, a maior parte confirmava a percepção já citada dessa condição não ser exclusiva desse período. O restante se dividiu entre considerar uma opção interessante e possível de ser implantado e os que eram críticos a isso, seja por ver nele mais uma possibilidade de exploração do trabalho docente ou pela inviabilidade de recursos.

**Gráfico 1 - Opiniões sobre o home office**



10 As condições de trabalho docente são objeto de inúmeras reflexões, como as de Carvalho, (1999); Gasparini, Barreto, Assunção (2005); Pereira (2016), dentre outros.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: Respostas múltiplas.

No momento em que a investigação ocorria, eles estavam envolvidos em atividades majoritariamente relacionadas ao ensino, com destaque para preparação de exercícios, planejamento de aulas e orientações de estudantes, reuniões virtuais em gerais e outras atividades (Tabela 2). Apesar de proporcionalmente menor, escrita de artigos científicos e participação em bancas também aparece, principalmente entre professores do Ensino Médio.

**Tabela 2 – Atividades desenvolvidas citadas pelos professores**

Atividade	%		
	Sim	Não	Total
Preparação de exercícios para enviar aos alunos	75,6	24,4	100
Planejamento de aulas	74,6	25,4	100
Orientações de alunos em alguma plataforma virtual	56,8	43,2	100
Envio de textos aos alunos	55,4	44,6	100
Reuniões com gestores	54,8	45,2	100
Reuniões com outros professores	50,5	49,5	100
Leitura de trabalhos de alunos	40,1	59,9	100
Gravação de aulas para a internet	37,3	62,7	100
Realização de chats e fóruns virtuais	36,1	63,9	100
Realização de pesquisas	32,9	67,1	100
Escrita de textos para artigos, projetos	18,4	81,6	100
Grupo de estudo	16,2	83,8	100
Estou conseguindo fazer pouca ou nenhuma atividade	11,4	88,6	100
Reuniões sindicais	2,5	97,5	100
Participação em bancas	1,7	98,3	100

Fonte: Elaboração dos autores.

Com a intensidade desse modo de trabalho virtual, o acesso à internet e a equipamentos se tornou central para o desenvolvimento dessas atividades. Quanto ao acesso à internet, os professores da amostra apresentavam bom nível de conectividade sendo que 63,1% deles informaram ter internet residencial e plano de dados de celular combinados; 33,3% afirmaram ter apenas internet residencial; 3,3% apenas por celular e somente 0,3% não dispõe desses meios de acesso à rede.

Dentre os recursos básicos disponíveis para uma fluída atuação nesse cenário de ensino remoto, 90% afirmaram possuir *smartphones*, 93,1% dispunham de computadores (*notebooks* e/ou *desktops*) e 14,1% de *tablets*. Notou-se que a maioria possui de maneira combinada esses recursos.

As gravações de aulas para inserir nas plataformas, a realização das chamadas aulas síncronas e as reuniões

que passaram a ocorrer no formato virtual obrigaram parte dos docentes a adaptar espaços destinados a isso (o cantinho do *home office*), tendo em muitos casos adquirido novos equipamentos, como tripés, fones, microfones, iluminação, suportes para *notebooks*, impressoras, cadeiras mais adequadas às longas jornadas etc.

Esse investimento em novos equipamentos para a realização do trabalho foi custeado principalmente pelos docentes, já que poucos estados disponibilizaram recursos para esse fim. Em levantamento realizado no *site* do CONSED, em junho de 2021, somente os estados do Espírito Santo, Maranhão, São Paulo e Sergipe ofereceram algum benefício destinado aos docentes, tais como: auxílio internet, pacote de dados e aquisição de equipamentos (CONSED, 2021).

O ensino remoto e as atividades desenvolvidas requeriam não somente tempo ou recursos específicos, mas também a necessidade do conhecimento tecnológico para operar equipamentos e plataformas em um nível bem diferente do anterior.

O uso dos recursos tecnológicos apresentou-se como um desafio aos docentes, pois quando instados a classificar o próprio nível de conhecimento acerca da tecnologia, a maioria colocou-se em um estrato mediano. Numa escala de 1 a 5, 45,8% marcaram nível 3 e 30,7% marcaram nível 4, com apenas 8,7% no nível 5. Todavia, quando exploramos a utilização de alguns recursos no período anterior à pandemia, percebemos que parte desses não eram costumeiros para os docentes.

**Tabela 3 – Atividades realizadas antes da pandemia**

Atividade	%		
	Sim	Não	Total
Fazer slides em <i>Powerpoint</i> , <i>Prezzi</i>	71,7	28,3	100
Inserir textos na plataforma utilizada por sua instituição	32,7	67,3	100
Nenhuma das opções	21,5	78,5	100
Escrever em blogs	13,5	86,5	100
Fazer reuniões em plataformas virtuais	12,2	87,8	100
Organizar chats, fóruns	9,2	90,8	100
Fazer vídeos para as plataformas virtuais	7,8	92,2	100

Fonte: Elaboração dos autores.

Perguntados que ações de caráter virtual ou tecnológico usavam antes da pandemia e do ensino

remoto, 71,7% dos professores responderam que faziam slides em softwares como *Microsoft Powerpoint* ou *Prezzi*. Em proporção bem menor, 32,7% inseriam textos nas plataformas já usadas pelas instituições. Apenas 13,5% já tinham escrito para blogs, por exemplo, e somente 9,2% haviam organizado fóruns ou chats. Mesmo as reuniões virtuais, que se tornaram o padrão da vida *online* a partir do início da pandemia, tinham baixíssima adesão antes disso: apenas 12,2% dos docentes já haviam participado delas. Não deixa de chamar a atenção que expressivos 21,5% dos professores afirmaram não ter usado nenhum desses recursos antes da pandemia, o que aponta para o fato de que uma parcela do corpo docente não usava qualquer recurso tecnológico para auxiliar suas aulas e, portanto, foi instada a aprender quase que imediatamente a fazer uso disso.

**Tabela 4 – Habilidade na realização de atividades**

Atividade	%			
	Sim	Mais ou menos	Não	Total
Fazer slides em <i>Powerpoint</i> , <i>Prezzi</i>	74,8	15,1	10,1	100
Inserir textos na plataforma utilizada por sua instituição	69,3	16,6	14,1	100
Fazer reuniões em plataformas virtuais	51	26,4	22,6	100
Escrever em blogs	36,5	25,3	38,3	100
Fazer vídeos para as plataformas virtuais	51	26,4	22,6	100
Organizar chats, fóruns	31,6	29,6	38,8	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Parte dos docentes não tinha tradição no uso dos recursos visuais virtuais antes da pandemia e mesmo durante a pandemia uma parcela importante reconhecia não realizar tarefas fundamentais como fazer reuniões em plataformas virtuais, onde apenas 51% afirmam ter habilidade para fazer. Se não era feito de maneira sistemática antes, não havia, portanto, o desenvolvimento de estratégias didáticas específicas, o que parece apontar para a adoção improvisada das aulas remotas ou, ao menos, estratégias e planejamentos rápidos para sua implantação imediata.

As mudanças que estavam em curso ainda no início da pandemia tiveram, destarte, impacto na carga horária docente? Fizemos um levantamento das horas trabalhadas e encontramos uma distribuição muito diversa de carga laboral, atendendo às variabilidades de tipo de contratação e divisão de carga horária de

aulas por dias da semana. Assim, enquanto 32,4% dos professores trabalhavam entre mais de 4 até 8 horas diárias; 22,3% entre mais de 8 até 12 horas e 8,3% mais de 12 horas diárias; 27,4% deles não trabalhavam todos os dias. Não foi encontrada diferença significativa nessa proporção entre as etapas de Ensino Fundamental e Médio.

**Tabela 5 – Carga horária diária**

Carga horária diária	%
Até 4 horas diárias	9,8
Acima de 4 a 8 horas diárias	31,1
Acima de 8 a 12 horas diárias	23
Acima de 12 horas diárias	8,2
Não trabalho todos os dias, mas quando trabalho são até 4 horas	9,5
Não trabalho todos os dias, mas quando trabalho são de 4 a 8 horas	10,9
Não trabalho todos os dias, mas quando trabalho são de 8 a 12 horas	5,9
Não trabalho todos os dias, mas quando trabalho são acima de 12 horas	1,6
<b>Total</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Perguntados sobre os impactos laborais do regime remoto, 59% afirmaram que estavam trabalhando mais do que antes, enquanto 10,4% disseram estar igual e 30,6% consideraram estar trabalhando menos do que antes. Esse aumento expressivo de atividades a serem desenvolvidas durante a pandemia reportados pelos docentes investigados é também reforçado pela fala abaixo:

Ao contrário do que se possa imaginar, o trabalho em casa está mais intenso. Os professores estão o tempo todo produzindo aulas, se adaptando ao uso de ferramentas que não sabiam, alguns com mais dificuldades, outros com menos. Complementando esse trabalho, os docentes também se deslocam até a casa dos alunos que não possuem internet, celular ou computador, para que os conteúdos alcancem grande parte dos discentes que moram nas áreas de difícil acesso. Existe a necessidade de manter o aluno ocupado, interagindo e aprendendo diante de toda essa loucura ocasionada pelo novo

Coronavírus”, ressaltou Ruth Bernardino, coordenadora do Núcleo da Educação em Cruzeiro do Sul (ALMEIDA, 2020).

O aumento decorrente da carga didática não era o único incremento laboral a incidir sobre esses docentes. Não se pode ignorar o impacto do isolamento social à vida doméstica e à carga de trabalho que a situação impôs.

### Docentes mulheres e a pandemia

Há farta literatura que aponta para as diferenças provocadas pela forma como está estruturada a questão de gênero na sociedade (SAFFIOTI, 1992; SCOTT, 1996; HEILBORN; SORJ, 1999; MELO; CONSIDERA; SÁBATTO, 2007; GAMA, 2010; BIROLI, 2018). As assimetrias entre homens e mulheres notadas em várias áreas como renda e expectativa de vida mostram a pertinência dessa questão. Como o distanciamento social obrigou as famílias que puderam se isolar a estarem em casa dividindo-se entre o trabalho remoto e a vida cotidiana, buscamos saber como a pandemia impactou a vida docente.

Os dados revelados pela pesquisa confirmaram a situação já amplamente discutida em trabalhos anteriores (SORJ, 2004; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005; ZIBETTI; PEREIRA, 2012) que demonstram que as mulheres historicamente acumulam mais atividades domésticas e familiares proporcionalmente que os homens.

Percebemos uma forte diferença, estatisticamente significativa, ao cruzar sexo pela responsabilidade principal com as tarefas domésticas, conforme pode ser avaliado com o Gráfico 2<sup>11</sup>.

**Gráfico 2 – Cruzamento entre responsabilidade pelas tarefas domésticas e sexo**



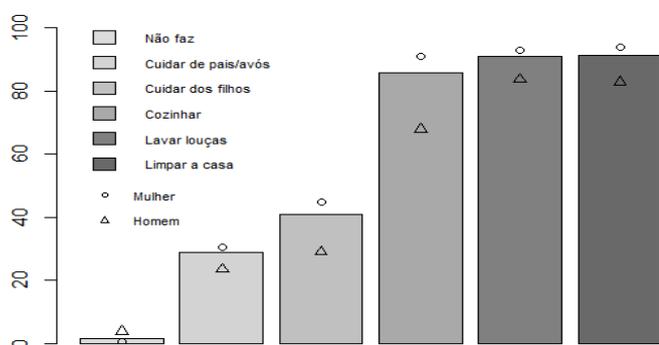
Fonte: Questionário elaborado pelos autores (2020).

11 Além disso, nota-se um nível de associação relevante pelo Coeficiente de Contingência (0.32), uma vez que em pesquisas sociais uma associação de 0.15 já é considerável relatável.

Nota: Coeficiente de Contingência = 0.32. Qui-Quadrado de Pearson com correção de continuidade de Yates:  $Qui^2 = 278.2$ , g.l. = 1, valor-p < 0.01.

Além disso, quando se perguntou quais atividades domésticas estavam realizando no isolamento social percebe-se que as mulheres apresentam uma média maior de envolvimento com as tarefas domésticas que os homens. Inclusive uma destacada proporção de cuidados a familiares (filhos, pais e/ou avós) que demanda um nível de comprometimento e atenção maior, conforme pode ser observado no Gráfico 3.

**Gráfico 3 – Média geral e por sexo dos tipos de tarefas domésticas realizadas**



Fonte: Questionário elaborado pelos autores (2020).

Essa situação também foi percebida na pesquisa *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia realizada por Gênero e Número e Sempreviva Organização Feminista*. Entre tantas dimensões de desigualdades evidenciadas durante esse período, a sobrecarga de trabalho doméstico<sup>12</sup> e de cuidado foi uma das questões que as mulheres vivenciaram logo quando das medidas de isolamento social, percebendo-se clivagens ao se considerar as questões raciais e de renda. 50% das mulheres atingidas por aquela pesquisa, afirmaram passar a cuidar de alguém durante a pandemia, sendo ainda mais alta essa porcentagem quando se tratava de mulheres rurais (62%). 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários, afirmaram trabalhar mais na quarentena. Um dos depoimentos obtidos pela pesquisa, reforça os argumentos que também pudemos captar em nossa investigação<sup>13</sup>, como se vê abaixo:

Ser professora num momento como esse fez com que meu trabalho se multiplicasse. Trabalho em duas instituições e a minha carga horária diária tem sido de, no mínimo, 12h em frente a um computador, e sei que tantas outras colegas vivem essa realidade. E a maior parte das minhas colegas são mulheres, né? Quando essas mulheres professoras não possuem muitas habilidades com tecnologias, têm filhos em casa, pouco espaço para dar aula/gravar aulas em silêncio, a situação é ainda mais exaustiva. Tem sido bastante difícil gerenciar essa carga horária com as tarefas domésticas, qualquer tentativa de lazer e ter que ter inteligência emocional para oferecer apoio aos/as alunos/as (sejam crianças, adolescentes ou adultos) que também têm dificuldades de passar pelo confinamento. (Depoimento apud SEM PARAR, 2020, p. 40).

A condição de isolamento social imposta no momento da investigação (entre um e três meses desde os primeiros decretos que iam sendo prorrogados a cada ampliação do contágio no país), as múltiplas atividades que tiveram que desenvolver nessa condição, o aumento das mortes ocasionadas pelo coronavírus, a ausência de vacinas, já que elas ainda não haviam sido descobertas e a incompreensão sobre o impacto da pandemia na vida cotidiana influenciaram os sentimentos dos docentes.

### Sentimentos e a pandemia

Ao serem indagados sobre os sentimentos que identificavam em si mesmos naquele momento, foi bastante evidenciado que os negativos se sobrepunham sobremaneira aos positivos, como se vê nos Gráficos 4 e 5.

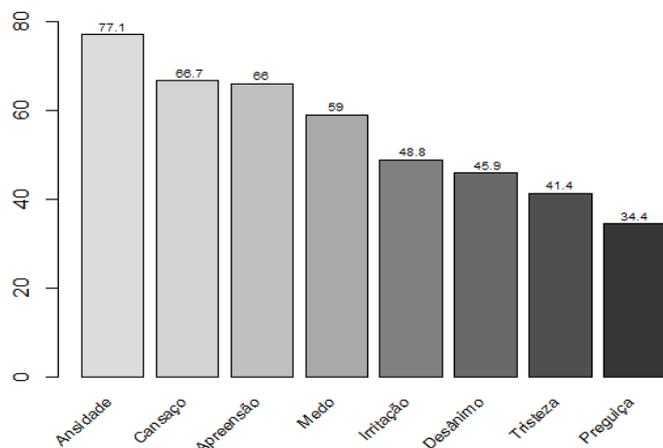
Ansiedade, apreensão e medo eram sentimentos comuns a quem acompanhava de perto o desenrolar da pandemia no país. Em termos numéricos, durante o período em que o formulário ficou aberto às respostas, o Brasil passou de 40.814 casos e 2.575 mortes em 20 de abril a 1.368.195 casos e 58.314 óbitos em 30 de junho de 2020, segundo os Boletins epidemiológicos divulgados pelo Ministério da Saúde, influenciando certamente nos sentimentos apresentados pelos docentes. O cansaço, todavia, está bastante atrelado ao tipo de trabalho desenvolvido, ao próprio *home office* e ao fato de que as mulheres tiveram uma sobrecarga de trabalho

<sup>12</sup> Essa discussão, embora realizada em outro contexto, já foi trazida também por Sorj (2004), Melo, Considera e Sábatto (2007) e Birolli (2018), dentre outros.

<sup>13</sup> Essas questões também foram vistas por Marinho e Freitas (2020).

acentuada com a pandemia, quando tiveram que dar conta de suas atividades profissionais e dos cuidados com a casa e com a família, desdobrando-se também no ensino dos filhos que estavam em atividades remotas, como já demonstrado pela pesquisa *Sem Parar* (2020).

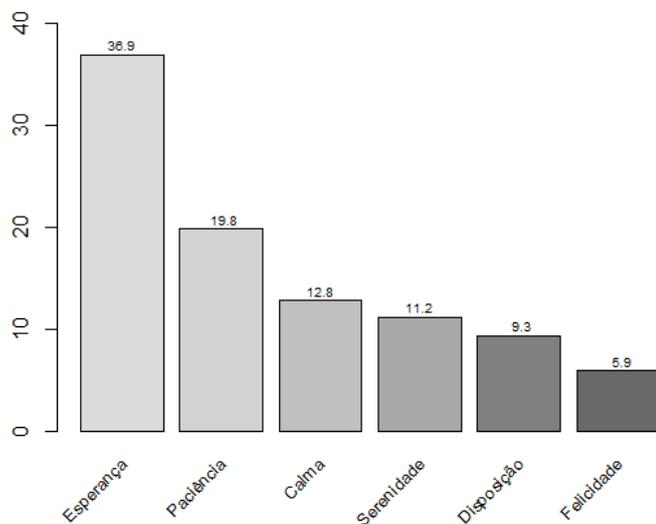
**Gráfico 4 - Sentimentos negativos apontados**



Fonte: Questionário elaborado pelos autores (2020).

Nota: Respostas múltiplas.

**Gráfico 5 - Sentimentos positivos apontados**

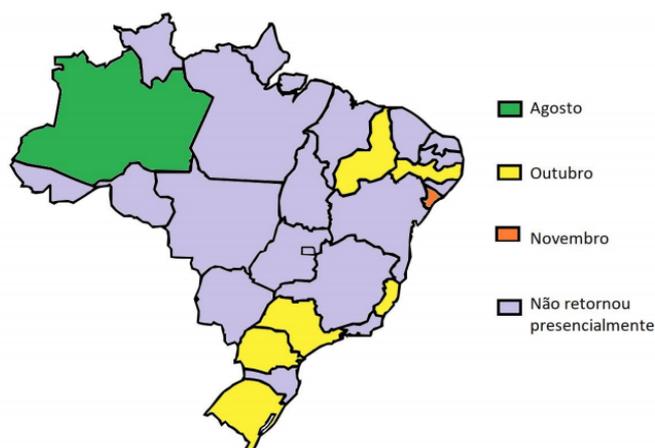


Fonte: Questionário elaborado pelos autores (2020).

Nota: Respostas múltiplas.

Apesar dos dados crescentes de alastramento da pandemia no país, havia ainda por parte dos estados uma esperança de que as atividades voltassem à forma presencial em breve. Três meses após a coleta dos dados, três estados já estavam nessa condição: Amazonas (10 de agosto de 2020), Rio Grande do Sul (08 de setembro) e Piauí (22 de setembro), ainda que nenhum deles de forma total. 7 outros ainda esperavam ser possível retornar ainda em 2020. Um deles, no entanto, já estabelecia que isso só se daria em 2021 (CNN, 2020).

**Imagem 1- Situação do ensino nos estados em 2020**



AM e PE: Retomaram o Ensino Médio

ES: Retomada progressiva começando pelo Ensino Médio

PR: Abriu as escolas para atividades extracurriculares, reforço escolar e idiomas

PI: Retomou o Ensino Médio e a VII Etapa da EJA

RS: Retornou de forma escalonada entre os meses de outubro e novembro de 2020

SP: Retorno optativo para o Ensino Médio

SE: Retomou o 3º Ano do Ensino Médio, EJA e Educação Profissional

Fonte: <https://consed.info/ensinoremoto> (2021)

O agravamento da pandemia impossibilitou os planos desses estados. O ensino permanecia remoto em maio de 2021 em vários estados brasileiros (CONSED, 2021).

**Quadro 2- Situação do ensino por estado em 2021**

Estado	Formato e Início das aulas em 2021
Acre	Remoto- 10 de maio
Alagoas	Remoto e atividades impressas- 10 de março
Amapá	Remoto-8 de março
Amazonas	Híbrido- 19 de maio
Bahia	Remoto-15 de março
Ceará	Híbrido ou remoto a critério da escola- 1º de fevereiro. Devido ao avanço da pandemia, o Governo do Ceará suspendeu as aulas presenciais desde o dia 19 de fevereiro.
Distrito Federal	Remoto- 8 de março
Espírito Santo	Presencial/híbrido (com revezamento de alunos) ou remoto- 4 de fevereiro, seguindo as orientações do Mapa de Risco. Devido o avanço da pandemia, o Governo do Estado anunciou a suspensão das aulas presenciais em todas as unidades de ensino no dia 18 de março. Elas foram retomadas no dia 10 de maio.
Goiás	92% das 1.010 escolas estaduais retomaram as aulas no regime especial de aulas não presenciais (REANP). Outras 8% das unidades escolares da rede estadual retomaram as aulas presenciais, no regime híbrido, com atividades desenvolvidas na escola e por meios remotos. As aulas foram iniciadas no dia 25/1 nas escolas com regime híbrido e no dia 21/1 naquelas com aulas não presenciais. Devido ao avanço da pandemia, todas as escolas estão com aulas remotas.
Maranhão	Remoto- fevereiro
Mato Grosso	Remoto ou por meio de apostilas- 8 de fevereiro
Mato Grosso do Sul	Remoto- março
Minas Gerais	Remoto- 8 de março
Pará	Remoto-3 de fevereiro
Paraíba	Remoto- 8 de março
Paraná	Remoto- 18 de fevereiro
Pernambuco	Presencial- A partir de 5 de abril, de acordo com a modalidade
Piauí	Remoto-1 de fevereiro
Rio de Janeiro	Presencial e híbrido-1 de fevereiro
Rio Grande do Norte	Remoto-Abril

Rio Grande do Sul	Remoto- 8 de março apenas no modelo remoto, e desde o dia 3 de maio as aulas também ocorrem no formato presencial.
Rondônia	Sem informações
Roraima	Remoto-3 de maio
Santa Catarina	18 de fevereiro de 2021, com três modelos adotados pelas unidades escolares: 100% presencial, misto e 100% remoto. Estes sistemas foram pensados para que a volta às aulas pudesse ser feita de forma segura, adaptando-se à estrutura de cada escola
São Paulo	Presencial e escalonado- 14 de abril
Sergipe	Remoto-22 de março
Tocantins	Remoto-3 de maio

Fonte: Elaborado a partir das informações disponíveis no site do CONSED (julho de 2021).

Um ano após a realização da investigação, os docentes seguiam em sua maioria em *home office* e, apesar de já estarem mais acostumados ao uso das tecnologias e terem iniciado o processo de vacinação praticamente em todos os estados, é uma pandemia que já ceifou a vida de mais de meio milhão de pessoas, dentre os quais 2.129 profissionais da área de educação, de acordo com o levantamento realizado pelo DIEESE (2021), de janeiro de 2020 a abril de 2021. Seu efeito certamente não passa incólume.

Executamos uma regressão logística para melhor compreender as variáveis relacionadas ao nível de sentimentos negativos apontados pelos docentes. Nossa variável desfecho foi criada a partir da dicotomização do relato dos sentimentos negativos, categorizando os extremos do conjunto de apontamentos de sentimentos negativos<sup>14</sup>.

Para um modelo geral e inicial selecionamos variáveis relacionadas: (i) aos atributos pessoais (sexo e idade); (ii) condições sociais e domésticas (renda, responsabilidade pelas atividades domésticas); (iii) condições/configurações de trabalho (tipo de contrato, horas diárias de trabalho, quantidade de dias semanais de trabalho, sobre o nível de trabalho na pandemia e nível de demandas da escola/gestores); (iv) recursos e habilidades (internet, equipamentos e conhecimento das ferramentas); e sobre (v) localização (capital/interior e região brasileira).

No entanto, parte dessas variáveis não alcançaram significância ou apresentaram multicolinearidade, caso das variáveis idade, renda e tipo de contrato. O modelo ajustado por especificação confirmatória manteve as variáveis apresentadas na tabela abaixo (Quadro 3) e os resultados do modelo ajustado (Tabela 6) indicam uma importante relação entre a pressão de trabalho recebida pela escola e o aumento no nível de trabalho na pandemia com o desfecho para um relato de mais

sentimentos negativos. Homens, professores com mais idade e que possuem conhecimentos tecnológicos apresentam menores razões de chance para relatar muitos sentimentos negativos.

### Quadro 3 – Variáveis no modelo final ajustado

Variável	Categorias	Posição
Sentimentos negativos	0 = 0 ou 1 sentimento 1 = 6 ou mais sentimentos	Dependente
Sexo	Mulher (ref.) Homem	Independente
Idade em classes	Menos de 20 a 34 anos (ref.) 35 a 49 anos 50 ou mais	
Etapa	Ensino fundamental (ref.) Ensino Médio	
Nível de trabalho na pandemia	Menor ou igual trabalho (ref.) Mais trabalho	
Pressão recebida	Não recebeu (ref.) Um pouco Sim, recebeu	
Conhecimento tecnológico	1:5	
Localização	Interior (ref.) Capital	

### Tabela 6 – Resultados da regressão logística (modelo ajustado)

Variável		OR (95% IC)	p (Wald's test)	p (LR-test)
Sexo	Homem	0.47 (0.35, 0.64)	< 0.01	< 0.01
	Mulher	1.00		
Idade	35 a 49 anos	0.44 (0.31, 0.62)	< 0.01	< 0.01
	50 ou mais	0.32 (0.21, 0.47)	< 0.01	< 0.01
Etapa	Ensino Médio	0.63 (0.48, 0.85)	0.03	0.03
Nível de trabalho na pandemia	Mais trabalho	2.29 (1.73, 3.03)	0.01	0.01
Pressão recebida	Um pouco	2.62 (1.82, 3.76)	< 0.01	< 0.01
	Sim	4.88 (3.49, 6.83)	< 0.01	< 0.01
Conhecimento tecnológico	1:5	0.82 (0.7, 0.95)	< 0.01	< 0.01
Localização	Capital	1.59 (1.2, 2.1)	< 0.01	< 0.01

Log-likelihood = -514.6  
n = 1077  
AIC = 1049.2  
GVIF (1.03:1.20)  
Pseudo-R<sup>2</sup>:  
Índice de Nagelkerke = 0.24  
Índice de Cox e Snell = 0.16  
R<sup>2</sup> de McFadden = 0.15  
Hosmer-Lemeshow (valor-p) = 0.45

Conforme nossa amostra, homens têm em média 53% menos chances de relatarem 6 ou mais sentimentos negativos em relação às mulheres; professores de 35 a 49 anos em média 56% menos chances, e os de 50 anos ou mais, em média 68% menos chances. Professores que atuam no Ensino Médio (exclusivamente ou não) têm em média 37% menos chances de relatarem 6 ou mais sentimentos negativos em relação à pandemia. Enquanto estar trabalhando mais na pandemia do que antes faz aumentar em média 129% as chances desse relato.

Estar sob pressão da escola e/ou gestores em relação ao trabalho docente faz aumentar em média 162%

14 Onde 0 (base) = nenhum e/ou um sentimento negativo apontado e 1 = seis ou mais sentimentos negativos apontados.

quando essa pressão é pouca e em média 388% quando a pressão é claramente reconhecida, as chances de relato de 6 ou mais sentimentos negativos. Tem-se aqui a variável de maior impacto sobre a experiência de sentimentos negativos no trabalho docente.

A cada aumento na variável de conhecimento tecnológico (tipo Likert), sobre o uso de ferramentas básicas para o trabalho docente virtual, diminui-se em média 18% as chances de relatar 6 ou mais sentimentos negativos. Estar morando em uma capital faz aumentar 59% as chances desse relato.

Como síntese desses resultados, podemos perceber que os homens, dentre outros motivos, pelo fato de estarem menos envolvidos com atividades domésticas, tendem a relatar um nível menor de sentimentos negativos do que as mulheres. Pessoas mais velhas em geral também. Estar trabalhando mais durante a pandemia que antes e estar sob pressão da escola e/ou gestores escolares, faz com que as chances de relato de mais sentimentos negativos aumentem consideravelmente, impondo-nos uma reflexão sobre a importância da dinâmica e carga de trabalho dos docentes, sobretudo, ante uma singular e trágica situação social como a causada pela pandemia de Covid-19.

Trabalhar no ensino fundamental talvez requeira mais adaptações e uma intensidade de ações, visto o fato de se tratar de alunos mais novos. De qualquer modo, julgamos ser essa variação passível de mais estudos. E, ter mais conhecimento e habilidade no uso da tecnologia para o trabalho docente virtual ajuda a lidar melhor com as mudanças impostas pelo isolamento social sobre o “novo” trabalho docente.

Consideramos que estar na capital faz aumentar a sensação de perigo visto o fato de que o vírus se propagou primeiramente nas capitais, após sair da China, e a densidade demográfica ser um fator importante na propagação deste agente. Assim, o ambiente interiorano talvez tenha sido considerado por seus moradores como mais seguro por permitir melhor isolamento. Além disso, é possível que os professores das capitais tenham turmas maiores e mais diversificadas, o que complexifica o trabalho.

### Considerações finais

O ano de 2020 causou uma grande transformação global com a eclosão da pandemia de Covid-19 e suas

consequências. A migração das atividades laborais (de lazer e de sociabilidade) para o regime remoto/ virtual obrigou o mundo inteiro a adotar não somente novas práticas, mas especialmente a aprender o manejo de novos recursos tecnológicos e a viver com eles.

O impacto disso no regime laboral das pessoas foi enorme e este artigo buscou discutir a realidade específica dos docentes da Educação Básica a partir de uma pesquisa realizada por formulário eletrônico com 3.733 professores do Ensino Fundamental e Médio de quase todas as unidades federativas brasileiras. A amostra utilizada para esse artigo foi redimensionada para 2.402 respostas.

Os dados permitem perceber que uma parcela significativa dos docentes não utilizava recursos tecnológicos antes da pandemia e o regime de aulas virtuais, portanto, os obrigou a adotá-los em urgência e aprender rapidamente a usá-los. O levantamento mostrou que a maioria dos professores usava recursos que poderíamos chamar de “tradicionais”, como a elaboração de *slides* em *Powerpoint*, e que aqueles que se transformariam em padrão logo em seguida, como aulas ou reuniões por meio de plataformas virtuais, haviam sido experimentados por uma parcela muito pequena da amostra alcançada.

Dessa forma, realizar a docência em meio à pandemia significou à amostra, que tinha faixa etária mediana, com maioria entre 30 e 49 anos de idade, precisar superar adversidades tecnológicas e aprender todo um conjunto de novas habilidades. Tudo isso sem apoio institucional satisfatório, precisando adquirir equipamentos (e aprender a utilizá-los) quase sempre por conta própria num cenário de indecisão e falta de planejamento que marcou o enfrentamento da pandemia, como os dados referentes às previsões de regresso às aulas presenciais ou a falta de ações efetivas para assegurar boas condições ao ensino remoto ilustram bem.

Relacionado a isso, muitos professores que já tinham uma carga de trabalho elevada passaram a considerar que estavam trabalhando ainda mais do que antes.

Para completar, todo esse incremento de trabalho e da pressão psicológica inerente, provavelmente representada na gama de sentimentos negativos expressos em relação ao que sentiam em meio ao período pandêmico, havia outras questões estruturais que tornavam as condições ainda mais inóspitas. Dentre

elas, a baixa remuneração que marca os profissionais da Educação Básica de um modo geral; ainda que a maioria da amostra tenha apresentado situação contratual estável. Entrementes, parte significativa desses professores atua em mais de um nível de ensino, o que provavelmente se explica pela busca de aumento na renda e tem como consequência cargas horárias ainda mais altas.

Não bastassem a grande carga horária, a pressão de trabalhar em condições muito adversas (seja pela falta de infraestrutura que acomete em especial a educação pública, da qual advém a maior parte da amostra; seja pelos desafios inesperados e quase insolúveis em curto prazo do ensino remoto compulsório), a baixa remuneração e a necessidade de trabalhar em mais de um nível escolar; os docentes enfrentam o desafio de vivenciar uma profissão marcada pela falta de reconhecimento e desvalorização social. Concordando com Carvalho (1999) para quem a docência pode ser percebida como uma atividade extremamente relacional, na qual o envolvimento afetivo dos professores com seus alunos e a sua preocupação com a aprendizagem dos mesmos é uma fonte de desgaste, mesmo que também seja fator de gratificação e realização, o ano de 2020 potencializou esses sentimentos.

Por fim, a vivência desses problemas ainda encontra outro ponto de aprofundamento na questão de gênero. Ainda que os docentes de maneira geral sejam acometidos pelas adversidades relatadas, as professoras enfrentam provações diferenciadas, potencializadas por uma estrutura social que coloca nas mãos das mulheres maior carga de trabalho doméstico e de cuidado com filhos ou genitores. Sem dúvidas, isso influencia na condição de vida e de saúde física e emocional e os dados de nossa pesquisa permitem refletir que a invisibilidade do trabalho doméstico e seus efeitos não está ausente do mundo da escola. Menos ainda em tempos de pandemia.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rubiluci. Escolas estaduais se adaptam à pandemia e aulas seguem de maneira remota. **Notícias do Acre**. Governo do Acre, 07/08/2020, disponível em <<https://agencia.ac.gov.br/escolas-estaduais-se-adaptam-a-pandemia-e-aulas-se-guem-de-maneira-remota>>. Acesso em 07 de agosto de 2020.

BIROLI, Flavia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim COE Covid-19**, nº 13. Brasília: Ministério da Saúde, 2021a. Disponível em <http://portalarquivossaude.gov.br>. Acesso em 3 de julho de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim COE Covid-19**, nº 20. Brasília: Ministério da Saúde, 2021b. Disponível em <http://portalarquivossaude.gov.br>. Acesso em 3 de julho de 2021.

CARVALHO, M. P. de. Ensino, uma atividade relacional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, p.17-32. 1999.

DIEESE. **Boletim Emprego em Pauta**, nº21, junho de 2021. Disponível em <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2021/boletimEmpregoemPauta21.pdf>. Acesso em 3 de julho de 2021.

GAMA, Andréa de Sousa. **O conflito entre trabalho e responsabilidades familiares no Brasil** - Reflexões sobre os direitos do trabalho e a Política de Educação Infantil. Rio de Janeiro, 2012. Tese de Doutorado.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GONÇALVES, Danyelle N.; LIMA FILHO, Irapuan P.; FREITAS, Rafael de M.F. Educação superior em tempos de pandemia: uso de tecnologias e condições de trabalho de docentes. In: FROTA, Horácio da S.; FROTA, M. Helena de P.; SILVA, M. Andréa L. da (orgs.). **O Impacto do Covid-19 nas Políticas Públicas**. [ebook] Fortaleza: EdMetas, 2020, pp. 259-275.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de Gênero no Brasil. In: **O que ler na Ciência Social**

**Brasileira (1970-1995).** Sociologia (Volume II). São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1999.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. A Classe operária tem dois sexos. **Revista Estudos Feministas.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1994.

INEP. **Instruções para utilização dos Microdados do Censo da Educação Básica 2020.** Brasília: INEP, 2021.

LEVY, Paul; LEMESHOW, Stanley. **Sampling of populations: methods and applications.** Hoboken: John Wiley & Sons, 2008.

MARINHO, Camila Holanda; FREITAS, Isaurora Claudia Martins de. Experiências com o ensino remoto: relatos de professores da educação básica no Ceará In FROTA, Francisco Horácio da Silva; FROTA, Maria Helena de Paula; SILVA, Maria Andréa Luz da (orgs.). **O impacto do COVID-19 nas políticas públicas** [livro eletrônico]. 1 ed. Fortaleza, CE: Edmeta Editora, 2020.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. **A pandemia de Covid-19: interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente.** Coleção História do tempo presente: Volume III, 2021.

MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Claudio Monteiro; SABBATO, Alberto Di. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade,** Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.

PEREIRA Junior, Edmilson Antonio. Condições de trabalho docente nas escolas de educação básica no Brasil: uma análise quantitativa. Belo Horizonte, 2016. 230, Tese de Doutorado.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero.** São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1996.

**SEM PARAR:** o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Relatório de Pesquisa. Gênero e Número e Sempre Viva Organização Feminista GN; SOF, 2020. Disponível em <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>. Acesso em 3 de julho de 2021.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli; FERREIRA, Edirê S. Saúde das professoras das séries iniciais: o que o gênero tem a ver com isso?. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2003, v. 23, n. 3 [Acessado 18 Novembro 2021] , pp. 76-83. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000300011>>. Epub 29 Ago 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000300011>.

SORJ, Bila. **Trabalho e responsabilidades familiares: Um estudo sobre o Brasil.** Relatório final. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?IDTemasDados=129>>. Acesso em: 18/11/2021.

VALENTE, Jonas. Quase metade do planeta ainda não tem acesso à internet, aponta estudo. **Agência Brasil,** 28.09.2019. Disponível em: <https://agencia-brasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-09/quase-metade-do-planeta-ainda-nao-tem-acesso-internet-aponta-estudo>. Acesso em 01 de julho de 2021.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista,** Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 259-276, 2010. Editora UFPR.

#### Sites:

<https://consed.info/ensinoremoto>. Acesso em 02 de julho de 2021.